



HIJO, BROTHER, MUCHACHO, GURI, MOLEQUE, PIÁ, MENINO - AS MÚLTIPLAS FACES DE UMA IDENTIDADE CULTURAL LOCAL:

Resenha do livro *Arte, Cultura e Literatura em Mato Grosso do Sul* – por uma conceituação da identidade local

Leilane Hardoim Simões* & Marcia Maria de Brito**

Falta a “cultura” da feira nos *campi* e nos textos, um entra-e-sai permanente que serviria para a formação e a “alimentação” de identidades; é bom lembrar que não é apenas a feira que alimenta seus usuários, mas que esses, também alimentam a feira, conferindo-lhe um determinado caráter, para não dizer: uma identidade.

OTTE *apud* SANTOS; PEREIRA.

Trocas culturais na América Lattina, p. 250.

Quando nos foi feito o convite pelos editores, com o intuito de fazer uma resenha sobre o livro de três grandes pesquisadores da cultura de Mato Grosso do Sul, ficamos além de surpresas, muito lisonjeadas, pois caminhamos juntas no NECC – Núcleo de Estudos Culturais Comparados da UFMS, e ambas vimos crescer as pesquisas e o trabalho de cada um deles, ao longo desses anos de seminários, palestras, conferências e encontros em Campo Grande e Dourados.

* Leilane Hardoim Simões é Graduada Licenciada em Letras português/espanhol pela UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Membro do NECC-UFMS.

** Marcia Maria de Brito é Graduada Bacharel em Comunicação Social Habilitação Publicidade e Propaganda, pela UCDB – Universidade Católica Dom Bosco e Licenciada em Letras português/ Inglês pela Anhanguera Uniderp; Especialista em Arte-Educação pela PUCMINAS e Mestre em Estudos de Linguagens pela UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Membro do NECC-UFMS.

Foram mais de dois anos de comunicações e painéis em grandes Universidades como a UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados, a UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, a UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul de Campo Grande, Corumbá, Coxim, além de outros eventos como o JALLA – Jornadas Andinas Latino Americanas de Literatura na UFF – Universidade Federal Fluminense em Niterói, no estado do Rio de Janeiro. A convivência no núcleo de estudos foi sempre de grande amizade acima de tudo. Nosso orientador, Prof. Dr. Edgar César Nolasco, e os demais membros, sempre mantiveram esforços extras, dedicando-se todos nas pesquisas sobre a Cultura Local, HQ's, Clarice Lispector, e-Books, Ficção Científica, entre outras. Perdemos a conta de quantos quilos de pó de café foram necessários para que a nossa “transpiração” se transformasse em criação e inspiração, por meio das palavras e da escrita, mesmo aquela feita com o antigo lápis preto e borracha, no velho caderno paltado.

Dentre as pesquisas do NECC, encontram-se as nossas sobre as Histórias em quadrinhos de Will Eisner (Leilane Hardoim Simões) e sobre os cartazes das manifestações culturais no Teatro Glauce Rocha (Marcia Maria de Brito). O Núcleo faz parte da Faculdade de Letras da UFMS e encontra-se no PPGMEL – Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos de Linguagens, e preza a diversidade de ideias, gostos, costumes e pesquisas.

E foi por meio da pesquisa, que na maioria das vezes é financiada pela Cnpq e pela CAPES, e outras vezes pelos próprios acadêmicos e docentes, que há tempos, Edgar César Nolasco, vem escrevendo e publicando primeiramente reflexões sobre a escritora Clarice Lispector e, posteriormente, sobre a Cultura Local. E agora, juntamente com seu irmão e colega de profissão Paulo Sérgio Nolasco do Santos e seu amigo e também pesquisador Marcos Antônio Bessa –Oliveira, surgiu a ideia em reproduzir tais pensamentos num belíssimo livro, sobre o qual nos deteremos a partir de agora.

A mistura de raças, crenças, músicas, gostos, cores e letras faz do livro *Arte, Cultura e Litteratura em Matto Grosso do Sul*: por uma conceituação da identidade local, uma obra singular da crítica literária, artística e cultural sul-mato-grossense e, nos atrevemos a dizer, por que não, da América Latina. Pois são linhas repletas de harmonia e dedicação à pesquisa de novas formas de pensar e ler na *diferença* a arte, a cultura, a literatura e a sociedade sul-mato-grossenses.

A obra *Arte, Cultura e Litteratura em Matto Grosso do Sul*: por uma conceituação da identidade local é dividida em três partes, sendo cada parte dedicada a um tema específico, como sugere o título do livro. Cada autor traz a sua visão sobre o assunto de maneira leve, como uma flor de ipê, que cai leve e colore

o chão já matizado e híbrido do estado fronteiro de Mato Grosso do Sul. E foi essa mesma árvore de ipê que os autores escolheram para ser reproduzida de maneira desfocada, fragmentada e, ao mesmo tempo, organizada na capa da obra.

A criativa elaboração gráfica da capa, pensada pelo autor e também artista Marcos Antônio Bessa-Oliveira, traz com a figura do ipê (árvore nativa do Cerrado), a nosso ver, a representação das ideias fixadas tanto no chão sul-mato-grossense, quanto no Brasil e na América Latina, e ao mesmo tempo, pela variação de cores da espécie (rosa, amarelo, branco, lilás), a intersecção dos conceitos ora daqui, ora de lá, ora nosso, ora do Outro, mas sempre partindo do local de onde se fala (chão), de onde se lê, de onde se enxerga cada cor, cada verso, cada palavra, cada eu, cada você, cada nós, cada Outro, cada local.

Filhos nativos e de coração, os autores representam um cenário ávido a mudanças, e suas ideias e discussões jorram como a água de um *porongo*. Por vezes, são heróis das palavras, outras são questionadores do que está por vir. Nessa viagem ao ritmo do trem pantaneiro se fazem presentes e convidam a todos a refletir sobre uma possível leitura da identidade local, pelo olhar do colonizado que respeita o seu colonizador.

O intelectual Paulo Sérgio Nolasco dos Santos, na primeira parte, intitulada “LITERATURA”, abre um leque de perspectivas sobre a identidade cultural local, principalmente da literatura fronteira e para tanto elenca de modo entusiasmado, beirando a admiração, autores como Hélio Serejo, Hernâni Donato e Lobivar Matos. Tal arrebatamento do teórico pelos escritores regionais pode ser percebido primeiramente pela aproximação que o professor faz ao se identificar também como um escritor crítico e leitor sul-mato-grossense no início de sua parte e, também, na magistral finalização intitulada “*À guisa de epílogo*” ao pregar a continuação do estímulo ao debruçamento teórico sob a literatura regional, assim como a leitura contínua e interessada dos jovens leitores que buscam “o universo dessas produções e ainda o formidável papel de identificação do local como resultante da experiência dos indivíduos”(p. 59).

Hélio Serejo, escritor da região fronteira, é um típico filho da terra; a sua vasta e originária obra retrata belissimamente o chão, a erva-mate, as árvores, os pássaros, o arroz de carreteiro, a tropa, a boiada, o homem sertanejo e as fronteiras que delimitam e não limitam Mato Grosso do Sul. Hernâni Donato, sul-mato-grossense de coração e um dos grandes romancistas brasileiros de conteúdo social, traz cravado em sua obra o drama nos ervais na região Centro-Sul de Mato Grosso do Sul. Três de suas obras tiveram adaptação para o cinema: *Selva Trágica*, *Caçador de esmeraldas* e *Chão bruto*. Lobivar Matos, “o poeta

desconhecido”, corumbaense legítimo, foi responsável por retratar, através de poemas, a dura realidade de um povo humilde e suburbano, assim como as suas músicas e costumes, o que leva Paulo Nolasco dos Santos a uma discussão sobre a idealização do cânone da literatura brasileira que acaba por ofuscar e legar a escritores como Lobivar Matos o desconhecimento, mesmo que estes tenham grande importância para a formação cultural do Brasil.

Para Santos, é no *local* que se encontra a resposta para muitos questionamentos. “Todos os escritores desse lugar narram a partir desse chão”.¹ Antes mesmo de falar sobre, é preciso demarcar o local de onde se fala. Para, a partir dele, criar novas e variadas respostas para uma possível identidade local, literária, artística e cultural. O pesquisador se detém no assunto, além de demonstrar como tal tema é discutido nas obras dos autores, a exemplo da poetisa Raquel Naveira e da crítica de arte Aline Figueiredo.

O pesquisador e professor de Artes, Marcos Antônio Bessa-Oliveira, na segunda parte, intitulada “ARTE”, debate ao som de Caetano Veloso, o “Queres” da epígrafe, o conceito, de autoria própria, de “geovisualocalizar”, voltando sua reflexão para desde a formação do profissional de artes, chegando à criação da obra propriamente dita. Algo como em se pensar num espaço geográfico para as artes em Mato Grosso do Sul. Segundo o professor Marcos Bessa-Oliveira, pensar nas artes em MS demanda ir além de uma região limítrofe de fronteira, pois, de acordo com o pesquisador “[...] é a diferença de olhares que o artista supostamente deve fazer sobre os *geolugares* para onde insiste olhar que devem ser modificadores”.² E é nessa perspectiva que o pesquisador viajante - como o próprio professor se nomeia - concebe a arte e o artífice no estado.

Segundo o teórico, as paisagens aqui são diferentes das encontradas em outros estados brasileiros, devido as “convergências e confluências entre culturas”.³ A proposta de *geovisualocalização* do pesquisador tem relação própria com o lugar de onde ela é observada. “O que mais interessa no olhar do artista como um *geovisualocalizador* é a relação que sua obra cria com o seu espaço e contexto histórico e sociocultural”.⁴ Com isso, podemos dizer que o artista sul-mato-grossense, que é brasileiro e latino americano, é *diferente*. Para Bessa-Oliveira,

¹ SANTOS. “A literatura sul-mato-grossense: intermediação do lugar”, p. 59.

² BESSA-OLIVEIRA. “O artista plástico geovisualocalizador: arte contemporânea ou o contemporâneo na obra e na crítica de arte em Mato Grosso do Sul?”, p. 70.

³ BESSA-OLIVEIRA. “O artista plástico geovisualocalizador: arte contemporânea ou o contemporâneo na obra e na crítica de arte em Mato Grosso do Sul?”, p. 71.

⁴ BESSA-OLIVEIRA. “O artista plástico geovisualocalizador: arte contemporânea ou o contemporâneo na obra e na crítica de arte em Mato Grosso do Sul?”, p. 72.

os conceitos tradicionais já não se sustentam mais e devem ser desconstruídos, a modo derridaiano, e revistos a partir do seu *locus* cultural.

Assumindo seu tom interrogativo em sua produção crítica, Bessa-Oliveira levanta mais um questionamento: “é a relação da atual produção artística com o conceitual que a define como obra de arte” ou “fica a cargo dos discursos validadores o que hoje é designado como obra de arte?”⁵. Essas discussões são levantadas por conta da percepção que o teórico tem em relação às exposições atuais, as quais praticamente abandonaram o pictural e se lançaram completamente ao conceitual. Bessa-Oliveira esclarece que o problema não está na arte conceitual, mas sim, em qual é o conceito dessa arte. Além da atual contribuição do crítico contemporâneo com o dito “não-valor” da arte, sobretudo porque tudo e qualquer coisa tem se tornado arte, se esta for bem defendida e valorada por um crítico, que acaba perdendo sua capacidade de criticar de fato as obras, realizando apenas uma discrição da arte de acordo com o que dita um sistema da arte criado a bel-prazer por poderosos do meio artístico – grandes colecionadores, grupos financeiros, grandes galerias – criando o que Luciano Trigo denomina de *A grande feira*⁶, um vale tudo da arte contemporânea. A citação feita por Bessa-Oliveira do teórico Silvano Santiago resume esse sistema de arte criado.

14 – Artelatina manifesta ainda uma estratégia de consumo. Museus trabalham com etiquetas, bibliotecas trabalham com etiquetas, livrarias trabalham com etiquetas, a crítica trabalha com etiquetas, as galerias de arte trabalham com etiquetas. Lojas de moda trabalham com etiquetas. Artelatina é uma etiqueta. Quem banca, põe banca e abafa a banca.⁷ (SANTIAGO. Artelatina, p. 59).

A América Latina, para o pesquisador, representa um grande mosaico feito por outras partes menores. Sendo assim, Mato Grosso do Sul é um mosaico, todo constituído pelos “povos indígenas, negros, paraguaios, bolivianos, brasiguaios, *brasianos*, paulistas, mineiros, paranaenses”.⁸ Resultando, assim, numa *cultura grileira*⁹, uma produção *geovisual* bem *diferente*, original e única. Para Bessa-Oliveira é importante ressaltar que a arte sul-mato-grossense não é apenas sul-mato-grossense porque faz uso em sua composição de elementos pictográficos

⁵BESSA-OLIVEIRA. “O artista plástico geovisualizador: arte contemporânea ou o contemporâneo na obra e na crítica de arte em Mato Grosso do Sul?”, p. 87.

⁶TRIGO. *A grande feira: uma relação ao vale-tudo na arte contemporânea*.

⁷SANTIAGO *apud* BESSA-OLIVEIRA. “O artista plástico geovisualizador: arte contemporânea ou o contemporâneo na obra e na crítica de arte em Mato Grosso do Sul?”, p. 98.

⁸BESSA-OLIVEIRA. “O artista plástico geovisualizador: arte contemporânea ou o contemporâneo na obra e na crítica de arte em Mato Grosso do Sul?”, p. 80.

⁹C.f. Termo utilizado por Edgar César Nolasco, em seu ensaio intitulado *Contrabando Cultural*, para designar este tipo de mobilidade cultural.

da sua flora e fauna, como bem pensa o Estado. Mas porque ela não se coloca nem “menos” nem “mais” que uma produção artística de outro lugar qualquer do Mundo, ela simplesmente se contextualiza por meio da diferença cultural e fronteiriça.

O estudioso Edgar César Nolasco na terceira parte, intitulada “CULTURA”, trata de forma magistral da complexa cultura local. “Tal cultura local pode ser de natureza híbrida, transculturada e até fronteiriça, mas a *afetividade* que a move ao mesmo tempo a especifica em meio a todas e quaisquer ideias de globalização”.¹⁰ E é assim, de forma simples e direta, que o estudioso tece a sua teia de impressões sobre a cultura que tanto pertence à margem, à periferia, quanto ao centro, à fronteira nacional e internacional, a nós sul-mato-grossenses.

Nolasco fala da cultura por meio de representações de um cenário típico e conhecido seu desde a infância, ou seja, o cerrado, o pantanal, suas águas, flores, fauna, fronteira. E, desde o canto da seriema do cerrado até o contrabando cultural, traz lembranças e experiências que, juntas, tornaram-se a essência para se pensar numa possível identidade cultural local, assim como a sua produção.

Nessa produção da nação como narração, queremos pensar que as manifestações culturais de uma nação contornam o desenho do mapa cultural no qual estão inseridas, propõem uma representação imaginária do espaço a elas circunscrito, além de pontuarem o *locus* identitário do povo e da própria cultura pertencentes ao lugar.¹¹

Segundo Edgar Nolasco, “tendo de pano de fundo o espaço bio/geo/histórico que nos constitui como povo sul-mato-grossense”¹², assim também podemos admitir que outros marcos como a flora e a fauna são constituintes do nosso espaço existencial, nos levando a crer que esse *locus* marca-se como nosso bios cultural. Para o autor todas as manifestações artísticas, musicais, sentimentais, logísticas, fazem com que o “sujeito-artista”, tocado por elas, possa transitar livremente tanto do lado de cá (terra local), quanto do lado de lá (fronteira), com o mesmo pertencimento.

Nolasco nos fala que os sentimentos, somados à “existência espacial do sujeito-artista num determinado *locus* e pelas circunstâncias”, tornam-se a verdadeira identidade tanto do povo, quanto da cultura do Mato Grosso do Sul. Para o intelectual, tanto o canto da seriema, quanto a chalana (músicas) metaforizam

¹⁰ NOLASCO. O que é, afinal, cultura local?, p. 131-132.

¹¹ NOLASCO. Luto e melancolia no canto da seriema do cerrado: por uma identidade da crítica cultural local, p. 133.

¹² NOLASCO. Luto e melancolia no canto da seriema do cerrado: por uma identidade da crítica cultural local, p. 135.

o que há de afeto entre o viajante, a fronteira, o eu, o Outro. Para ilustrar essa assertiva, Edgar Nolasco faz um estudo das letras das músicas de Mario Zan, o qual vale a pena ser acompanhado de um bom mate ou tereré (a gosto do freguês), e por que não de uma chipa guaçú ou sopa paraguaia?

Além de Mario Zan, o estudioso traz o livro de Otávio Gonçalves Gomes *Onde cantam as seriemas*, a música “Saudade” de Mário Palmério, epígrafes de Manoel de Barros, Sigmund Freud e João Guimarães Rosa, estudos geográfico-culturais de Hugo Achugar (mapa da América, virado de cabeça para baixo), comentários sobre a obra de Helio Serejo, tudo isso e muito mais para nos sinalizar que a identidade cultural de um povo está intrinsecamente ligada ao local de onde se fala.

Podemos concluir que esta obra, por se tratar de um belíssimo amontoado de impressões transdisciplinares, sempre servirá de referência tanto para as áreas das Artes, da Comunicação, das Letras, da Literatura, quanto para dar continuidade aos estudos voltados para a cultura e a sociedade, tanto sul-mato-grossenses quanto latinas, pelo avesso do comum, por meio de suas heranças. Acreditamos, indiscutivelmente como neccences que somos, que existirá uma ideia de identidade local antes e depois da referida obra.

Boa Leitura!

Referências

Do corpus

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. “ARTE”. In: NOLASCO, Edgar Cézar. BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. *Arte, cultura e litteratura em Matto Grosso do Sul* - por uma conceituação da identidade local. Campo Grande: Life Editora, 2011, p. 67-128.

NOLASCO, Edgar Cézar. “CULTURA”. In: NOLASCO, Edgar Cézar. BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. *Arte, cultura e litteratura em Matto Grosso do Sul* - por uma conceituação da identidade local. Campo Grande: Life Editora, 2011, p. 129-189.

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. “LITERATURA”. In: NOLASCO, Edgar Cézar. BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. *Arte, cultura e litteratura em Matto Grosso do Sul* - por uma conceituação da identidade local. Campo Grande: Life Editora, 2011, p. 13-66.

Gerais

OTTE, Georg. “*Ottexto e a feira* – uma leitura de Hugo Achugar”. In: SANTOS, Luis Alberto Brandão; PEREIRA, Maria Antonietta. (Orgs.). *Trocas culturais na América Lattina*. Belo Horizonte: Pós-Lit/FALA/UFMG; Nelam/FLA/UFMG, 2000, p. 241-250.

TRIGO, Luciano. *A grande Feira: uma reação ao vale-tudo na arte contemporânea*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

